
A Recuperação do Éden

Estudos sobre Cântico dos Cânticos

Palestra oferecida aos casais da Igreja Presbiteriana Monte Sião em estudos sobre o livro Cântico dos Cânticos.

São Bernardo do Campo, São Paulo – 24/03/2007

Introdução

“O grande sábio Salomão dentre seus mais sérios provérbios aprova uma espécie de arrebatamento... nos entretenimentos dos lazeres matrimoniais; e em Cântico dos Cânticos... canta sobre milhares de enlevos entre aqueles amáveis muito aquém do gozo carnal. Por estes exemplos, e mais que poderiam ser trazidos, podemos imaginar com que indulgência Deus supriu a solidão do homem”.¹

John Milton

“Casamento é... um acordo uniforme de mente e uma participação comum de corpo e bens”.²

William Perkins

O assunto em questão eleva nossas mentes e nossas emoções, trazendo-nos lembranças, questionamentos, experiências, complexidades, alegrias e tristezas. A maior seriedade se deve para o ensino da união sexual. Nada mais sério e instrutivo do que a perspectiva de Deus, o Criador do casamento. Deus deseja que sejamos plenamente felizes e satisfeitos em todos os nossos relacionamentos e responsabilidades, mas isso só é possível quando os nossos ouvidos estão abertos para ouvir a sua voz.

Em uma sociedade de prostituição exposta em *outdoors*, nas esquinas e nos ambientes luxuosos; em que cresce o consumo de artigos e materiais pornográficos, onde o universo da *playboy* domina a fixação e os conceitos dos homens, nada é mais urgente do que curvamos nossa frente atenciosamente para a Palavra de Deus e buscar nela toda orientação para uma vida de plena satisfação no matrimônio.

Tratando-se do relacionamento conjugal na sua maior intimidade, jamais poderíamos fazê-lo eficientemente sem considerar dois importantes aspectos:

- 1) A resposta de Deus aos problemas humanos sobre sexo, especialmente as corrupções advindas sobre o assunto;
- 2) A sociedade confusa e de valores tão invertidos como a que vivemos;

1. Cântico dos Cânticos como Palavra de Deus

Neste modesto trabalho, a proposta é dar uma pincelada no ensino bíblico concernente ao relacionamento conjugal em seu caráter mais íntimo: o sexo. Para isso, é elementar a consideração do livro mais importante que existe com respeito ao

¹ Cit. por RYKEN, Leland, *Santos no Mundo: Os Puritanos como Realmente Eram*, São José dos Campos, Fiel, 1992, p. 58.

² *Ibid.*

assunto, o Cântico dos Cânticos de Salomão. Ainda que o nosso estudo não esteja limitado apenas à análise desta grandiosa obra, nós a tomaremos como o eixo dos ensinamentos aqui apresentados.

Problemas de interpretação

Por longos séculos este Cântico foi assunto de acirrados debates tanto no círculo judeu como no cristão. Houve grande dificuldade de ambas as partes em reconhecê-lo como parte do cânon³ do Antigo Testamento⁴. Esse problema se deve a dois aspectos principais:

- a) Não há menção do nome de Deus;
- b) O aspecto excessivamente carnal e erótico do livro;

Uma das afirmações mais poderosas em defesa do livro como canônico veio do rabino Akiba (c. 100 d.C.): “O mundo inteiro não é digno do dia em que Cântico dos Cânticos foi dado a Israel; todos os Escritos são santos, e Cântico dos Cânticos é o santo dos santos”.⁵ Akiba deu uma forte interpretação alegórica ao livro, aplicando-o ao relacionamento entre Deus e Israel. Sob esta perspectiva o livro foi aceito no cânon judaico.

Por conseqüência, o cristianismo assumiu o livro entendendo o relacionamento de Cristo com a Igreja, especialmente nos escritos de Orígenes e Hipólito. Um exemplo é a maneira como Orígenes lê o Cântico 1.13, “entre os meus seios”, entendendo que esta é uma referência às Escrituras do Antigo e do Novo Testamento entre os quais se encontra Cristo.⁶ Por meio dessa compreensão alegórica a Igreja assumiu o livro como inspirado por Deus.

Obviamente não se pode descartar que o Cântico estimula ao amor a Deus, considerando-o no contexto da Escritura como um todo, como afirmou Samuel Schultz:

Embora a interpretação literal fale do amor humano, a inclusão providencial deste livro no ‘cânon’ judaico sem dúvida alguma tem uma significação espiritual. O mais provável é que os judeus houvessem discernido isso, quando liam Cantares de Salomão anualmente, quando das

³ Cânon significa instrumento de medida, esquadro. Ela é usada quatro vezes no Novo Testamento (2Co 10.13,15,16; Gl 6.16) e amplamente pelos Pais da Igreja (Clemente de Roma, de Alexandria; Irineu; Policarpo; Hipólito; Eusébio, etc.) para distinguir os ensinamentos da Igreja das heresias que surgiam na época. Orígenes parece ter sido o primeiro a empregar o termo para diferenciar a Bíblia dos escritos profanos (veja COSTA, Hermisten M.P., *A Inspiração e Inerrância das Escrituras*, São Paulo, Cultura Cristã, 1998, p.18-38). O cânon é o reconhecimento da parte da Igreja de todo o conjunto dos livros que possuem autoridade inerente e são inspirados por Deus.

⁴ O Cântico dos Cânticos fazia parte do chamado *Antilegomena* (os livros contra os quais se fala), que compunham cinco livros que foram recebidos com dificuldade pelos judeus. Estes são: Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Ester, Ezequiel e Provérbios. Mas, por fim, o Concílio de Jâmna os reconheceu em 90 d.C. (Ver ARCHER, Gleason, *Merece Confiança o Antigo Testamento?*, São Paulo, Vida Nova, 2000, 3ª ed., p. 72-73, 451-452).

⁵ Mishná, *Yad*. 3.5., in: William S. LaSor, David A. Hubbard, Frederic W. Bush, *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 1999, p. 557-558.

⁶ Ver YOUNG, Edward, *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 1964, p. 349.

observâncias da Páscoa, porquanto a obra fazia-os se recordarem do amor de Deus por eles, ao serem livrados da servidão egípcia.⁷

Edward J. Young destaca essa questão: “Se em última análise é Deus que lhe dá a canonicidade, o livro lembra-nos que Deus é um ser puríssimo, já que é Ele o autor do amor humano, Aquele que o infunde no coração dos homens”.⁸ E mais à frente destaca sua importância quanto ao sexo e sua urgente relevância para a vida da igreja:

Deus colocou este Cântico no cânon, com o fim de nos ensinar a pureza e o sentimento daquele estado do matrimônio que Ele próprio estabeleceu. Ao lermos tal livro, os nossos corações purificar-se-ão mais ainda e compreenderemos melhor a enormidade daquela tentação que levaria à infidelidade entre os casados... Quanto mais impureza houver no mundo, tanto mais necessitamos dos Cantares de Salomão.⁹

A importância do assunto para a igreja também é destacada por Tremper Longman III: “O Cântico, entretanto, afirma a importância do amor e do sexo e provê encorajamento e uma plataforma por uma textura que fala sobre o sexo entre o povo de Deus”.¹⁰

Cautelas para se ler Cântico dos Cânticos

O Cântico dos Cânticos, conforme vimos acima, destaca a grandeza da intimidade entre o casal e o quanto isso é importante para Deus. Mas vale uma palavra de cautela aqui. O Cântico não é um manual de “como fazer sexo”. Como afirmou Tremper Longman III: “É importante lembrar que o Cântico não se propõe a ser um guia ou um manual de sexo”.¹¹

Sua intenção não se reduz a técnicas de conquista, aproximação, etc. O propósito do livro está no conjunto de toda a Escritura, a começar de Gênesis. O Senhor iniciou o casamento (Gn 2.21-25), dando todas as condições, segundo Van Groningen, para “a conservação da pureza e do encanto da relação entre um homem e uma mulher, que são unidos em sua relação com Yahweh”.¹²

2. Criados à imagem e semelhança de Deus

Quanto a este ponto, não precisamos gastar muito tempo, mas é necessário termos claro em nossa mente o que nos é revelado com respeito à decisão de Deus em criar um homem e uma mulher. Em primeiro lugar, Deus criou ambos à sua imagem e semelhança: **“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”** (Gn 1.27). Se há algo de sublime no ser-

⁷ SCHULTZ, Samuel J., *A História de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 2001, p. 281-282. Sobre isso, Archer também diz: “...Cantares é rico em matizes espirituais que têm oferecido consolação e encorajamento a estudantes devotos das Escrituras durante todas as épocas da história da Igreja. Mesmo assim, requer uma alma realmente madura para apreciar as belezas espirituais latentes nesse Livro” (p. 454-455).

⁸ YOUNG, p. 351.

⁹ Ibid., p. 351-352.

¹⁰ LONGMAN, *Song of Songs*, p. 59.

¹¹ Ibid., 2001 p. 60.

¹² GRONINGEN, Gerard Van, *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, Campinas, SP, Luz Para o Caminho, 1995, p. 370.

humano, em sua constituição orgânica e espiritual, está neste ponto, ele é a única criatura que carrega a imagem de Deus, tanto o homem como a mulher.

Sendo assim, o casal exerce um papel de grande responsabilidade um para com o outro. Tendo consciência que somos à imagem de Deus, e que desse modo devemos dar expressão exata do agir de Deus em nossa vida, então o casal representa Deus um ao outro.

3. O casamento perfeito

*“...o matrimônio é uma alta, santa e abençoada ordem de vida, ordenada não pelo homem, mas por Deus... no que um homem e uma mulher são acoplados e entretecidos numa carne e corpo no temor e amor de Deus, pelo livre, amável, entusiástico e bom consentimento de ambos, e uma mente e vontade, em toda honestidade, virtude e santidade, e passem suas vidas a compartilhar igualmente de todas as coisas quantas Deus lhes enviará, com ação de graças”.*¹³

Thomas Becon

Adentrando ao contexto de Gênesis 2.18-25, percebemos uma nova atmosfera. Deus é o Criador do universo, o Criador do homem e o Criador da família. Gênesis repetidamente diz que tudo era bom. Mas, pela primeira vez, Deus manifesta algo que não era bom, isto é, o homem permanecer só. Deus, então, decide dar ao homem uma mulher, tendo em vista que nenhuma outra criatura poderia suprir suas necessidades: **“Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea”** (Gn 2.20). Não havia candidata à altura do homem.

Então aqui há uma descrição da atenção de Deus, o que nos indica também um deleite especial nesta nova criação: **“Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne”** (2.21). Então Deus formou à Eva, a mulher que foi retirada da costela de Adão (Gn 2.22,23):

“E disse o homem. Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne, chamar-se-á varoa¹⁴, porquanto do varão foi tomada. Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonharam.” (Gn 2.23-25)

O fundamento para uma família sólida e bem fundamentada inicia neste ponto, no vínculo perfeito de amor e mútua cooperação entre homem e mulher. Adão ficou

¹³ RYKEN, p. 64.

¹⁴ אִשָּׁה (=ishá – varoa) é o substantivo feminino hebraico de “homem”.

pasmo ao ver a criação da mulher e compôs o primeiro poema da Bíblia. Neste poema ele expressa a intimidade e afeição que ambos teriam e, ao mesmo tempo, seu governo sobre ela, quando a chama de varoa. Um governo perfeito e equilibrado sob os critérios do próprio Deus.

Esta mulher deveria ser auxiliadora e idônea. Auxiliador é aquele que presta socorro, que nos acode naquilo que somos deficientes sozinhos. Se o homem permanece sozinho ele permanece subdesenvolvido porque é a mulher que o torna completo e o capacita a cumprir sua função de macho.¹⁵ Portanto, o homem é inadequado como ser humano, se ele não estiver acompanhado de uma auxiliadora. Sobre esse ponto, Palmer Robertson dá uma bela contribuição: “Longe de ser independente da mulher, o homem deve a ela a sua existência. No Senhor, estas duas formas de ser do homem fundem-se em uma dependência mútua que reconhece que tudo que faz parte da criação origina-se em Deus”.¹⁶

Mas a mulher também deve ser idônea. Ela deve desempenhar sua função em ser capaz em suprir todas as necessidades do marido como uma representante de Deus. Deus a criou também à sua imagem, o que faz dela uma embaixadora de Deus. A mulher deve ser companheira do homem em suas necessidades espirituais, físicas, emocionais, psicológicas, enfim, em tudo. O homem que não ouve a mulher está muito mais propenso a fracassar, pois negar o auxílio da mulher é negar o auxílio de Deus.

Conforme veremos no Cântico, ela é altamente amada. Matthew Henry (1662-1714), um pastor puritano, comentando a criação da mulher diz: “A mulher foi feita da costela, do lado de Adão; não foi feita da cabeça para não dominar sobre ele, também não foi feita dos pés, para não ser pisada por ele, mas criou-a do seu lado, para ser seu igual, debaixo do braço, para ser protegida e próxima ao coração, para ser amada”.¹⁷

O v.24 apresenta o princípio regulador e o propósito do homem no mundo. Ele deixa seu pai e sua mãe e se encaminha para o maior e melhor planejamento da vida, o casamento. A intimidade do homem e da mulher, na criação, é completamente livre. Eles estavam nus e não se constrangiam. Não havia desajuste, desequilíbrio ou qualquer espécie de distúrbio entre os dois. “A unidade realizada no matrimônio relaciona-se ao processo íntimo pelo qual a mulher veio a existir”.¹⁸ Isso indica que havia uma harmonia de tal modo elevada que a união e a liberdade dos corpos representava a total harmonia que Adão e Eva tinham de mente, espírito e corpo. Sexo, portanto, não é o fim último no casamento, conforme William Cutrer: “O projeto do Criador engloba uma união emocional, espiritual e física”.¹⁹

¹⁵ Ver GRONINGEN, Gerard Van & Harriet, *A Família da Aliança*, São Paulo, Cultura Cristã, 1997, p. 94,95. Ele diz: “Ela deve capacitar o macho a cumprir a sua humanidade na sua totalidade como ele deve fazer com ela”. À mulher é dada a função de “espelhar” Deus ao homem (p. 97).

¹⁶ ROBERTSON, O. Palmer, *Cristo dos Pactos*, São Paulo, Campinas, SP, Luz Para o Caminho, 1997, p. 71.

¹⁷ HENRY, Matthew, *Matthew Henry's Commentary on The Whole Bible*, *The Master Christian Library*, Ages Software, [CD-ROM], 1999 (Gn 2.21-25).

¹⁸ ROBERTSON, p. 68. Mais à frente ele diz sobre a união sexual: “O ‘ser uma só carne’ descrito nas Escrituras não se refere simplesmente aos vários momentos da consumação marital. Em vez disto, esta unidade descreve a condição permanente de união alcançada pelo casamento”.

¹⁹ CUTRER, William & GLAHN, Sandra, *Intimidade Sexual*, São Paulo, Cultura Cristã, 2001, p. 120.

Assim, podemos perceber que o sexo é um modo de corresponder ao propósito de nossa criação, que é glorificar a Deus, ou em outras palavras, glorificamos a Deus quando o casamento é nutrido através da união sexual entre o homem e a mulher.

4. Cântico dos Cânticos: um retorno à origem

*“O Espírito Santo permitiu alguns divertimentos e comportamentos particulares a pessoas casadas entre si que para outros pode parecer tontice”.*²⁰

Robert Cleaver

Cântico dos Cânticos é uma salvação, um planejamento vindo de Deus para reestruturar o homem caído e o seu relacionamento com sua mulher. O seu título é um mecanismo da gramática hebraica, o superlativo, ou seja, “o melhor de todos os cânticos”. Assim como em outras expressões: “Santo dos santos” e “ vaidade de vaidades”.

Estudos recentes têm dado uma atenção muito interessante no paralelo entre o Cântico e Gênesis 2-3, mostrando o plano para a recuperação do paraíso perdido. Assim considera Francis Landy: “Assim o Cântico dos Cânticos inverte a história do jardim do Éden; o homem redescobre o Paraíso”.²¹

É notável que muito do que se perdeu no jardim do Éden, devido à desobediência, é recuperado quando fazemos parte do povo de Deus. A característica mais impactante apresentada no Cântico é o retorno à nudez. Após a Queda, está escrito: **“Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si”** (Gn 3.7). O que significa dizer que os olhos de ambos se abriram? O que eles viram que antes não tinham percebido?

Calvino comenta sobre isso que ninguém os havia acusado de nada, quando a sua própria consciência os julgava e os massacrava; além disso, a eloquência do mundo inteiro não seria tão poderosa como a acusação de suas próprias mentes caídas agindo naquele instante. A abertura de seus olhos foi uma visão nítida e instantânea de sua própria desgraça.²² Entraram em radical contraste com Gênesis 2.25: **“Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam”**.

Chegando ao Cântico de Salomão, o cenário é outro. Parece que Gênesis 3 não existe para os noivos. Mas aí está a chave mais importante para compreendermos a intimidade do casal. É muito sugestivo pensar que Gênesis 3 passasse pela mente do autor enquanto escrevia, com detalhes, a descrição física do homem e da mulher, onde os dois se admiram um com a beleza do outro.

²⁰ RYKEN, p. 59.

²¹ LANDY, Francis, “The Song of Songs and The Garden of Eden”, *JBL*, 98/4, 1979, p. 524.

²² CALVIN, John, “Commentary on Genesis”, *The John Calvin Collection*, Ages Software [CD-ROM], 2000, p. 92.

Nesse sentido: “O Cântico celebra a nudez... no Cântico a nudez só aparece em figuras de linguagem: através de um véu de metáforas e metonímias que substituem os órgãos genitais com imagens sexuais secundárias (p.e., olhos, peito) ou com objetos remotos e diferentes”.²³ Vemos um ambiente onde não há motivo para a vergonha de Gênesis, porque trata-se de um relacionamento restaurado.

Ainda que em nossas igrejas o tema “sexo” ruborize a maioria de nós, tem se tornado urgente falar abertamente, não indecorosamente, sobre a perspectiva divina do amor expresso na união sexual. Portanto, vejamos alguns tópicos de como: “O Cântico celebra a alegria do toque físico, a exibição de um ambiente prazeroso exótico, o doce som de uma voz íntima, o sabor de outro corpo”.²⁴

DELÍRIOS DE AMOR

A Mulher

Seija-me com os beijos de tua boca, porque melhor é o teu amor do que o vinho. Suave é o aroma dos teus unguentos, como unguento derramado é o teu nome, por isso, as donzelas te amam. Leva-me após ti, apressemo-nos. O rei me introduziu nas suas recâmaras. Em ti nos regozijaremos e nos alegraremos, do teu amor nos lembraremos, mais do que do vinho, não é sem razão que te amam (1.2.4).

A referência é claramente ao beijo romântico e intencional. A noiva deseja o beijo boca a boca. O vinho é citado como uma comparação e, tendo em vista o efeito que ele causa em uma pessoa, podemos entender o desejo da noiva em se embriagar, ou em perder os sentidos a partir do beijo de seu amado. Ela sente prazer no aroma que ele exala, e assim ela quer ser por ele conduzida ao local mais privado e restrito, às suas recâmaras. A mulher, sem sombra de dúvida, deseja a união sexual. Em palavras igualmente provocantes ela diz: **“Qual a macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os jovens; desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar”** (2.3). “A macieira simboliza o Amado, a função sexual do macho no poema; ereto e desejável, é uma poderosa metáfora erótica”.²⁵

Mas a declaração que encontramos do noivo mais à frente traz o mesmo desejo ardente em possuí-la:

O Homem

Que belo é o teu amor, ó minha irmã, noiva minha! Quanto melhor é o teu amor do que o vinho, e o aroma dos teus unguentos do que toda sorte de especiarias! Os teus lábios, noiva minha, destilam mel. Mel e leite se acham debaixo da tua língua, e a fragrância dos teus vestidos é como a do Líbano (4.10,11).

As especiarias as quais o noivo se refere podem ser encontradas em outras referências bíblicas: o óleo da unção do tabernáculo (Êx 25.6); um dos presentes que a rainha de Sabá levou a Salomão (1Rs 10.2,10,25); fez parte do processo de embelezamento de Ester, ao se preparar para se apresentar ao rei da Pérsia, Assuero (Et 2.12). É evidente que era uma especiaria valiosa e muito importante.

²³ LANDY, p. 526.

²⁴ LONGMAN, *Song of Songs*, p. 59.

²⁵ LANDY, p. 526.

Então ele fala dos lábios e do quanto ele era seduzido por eles. Eles destilavam mel e leite. Duas bebidas que parecem indicar luxo, exagero e abundância.²⁶ É o desejo que o homem expressa de participar da doçura de sua noiva. Ele quer se deliciar com sua amada, perder os sentidos em seu corpo.

UM É POSSESSÃO DO OUTRO

Apanhai-me as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos, porque as nossas vinhas estão em flor. O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios (2.15,16).

As raposas são sinal de praga, porque causavam estrago nas plantações, no caso, nos vinhedos. Jeremias se referiu às raposas da seguinte maneira: **“Pelo monte Sião, que está assolado, andam as raposas”** (Lm 5.18). Elas, neste contexto, representam algum perigo ou risco entre o relacionamento do casal. A noiva suplica ao noivo que ele resolva a dificuldade. No Cântico a vinha representa ou a mulher (1.6) ou um lugar de amor (6.11). Portanto, o lobo representa algum obstáculo. A *Bíblia de Genebra* comenta que as raposas são o único elemento negativo na chegada primavera (vs. 10-15).

Após o pedido para que as raposas fossem apanhadas, temos uma declaração de um compromisso pactual entre os dois (comp. Jr 7.23; Ez 34.30). Ela afirma que eles pertencem um ao outro. Uma intimidade muito profunda existe entre os dois. Ele é o pastor de rebanhos, enquanto ela é o campo de pastoreio. Ele quer participar dela; estar nela. Mas é a noiva quem está falando, e aqui ela evoca um intenso desejo sentimental. Do mesmo modo ela declara a força de seu amor mútuo: **“Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu; ele pastoreia entre os lírios”** (6.3).

Quanto a este sentimento de possessão mútua, no Novo Testamento encontramos o forte ensino de Paulo: **“O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência”** (1Co 7.3-5).

O conceito de Paulo é que o sexo é um compromisso de dívida entre os dois.²⁷ Esta palavra de Paulo ataca o que conhecemos como “purismo”, isto é, uma deturpação do conceito correto de pureza. O purista é aquele que se abstém de tudo e se dedica a uma vida ascética, negligenciando, no caso, suas responsabilidades conjugais e a satisfação que ele deve proporcionar à sua esposa. Sobre isso, João Calvino adverte contra o mal entendimento:

Porque Satanás nos hipnotiza, usando o que aparenta ser a coisa certa a fazer, e modo que chegamos a pensar do ato sexual com nossas próprias esposas, como algo que nos faz impuros, e assim decidimos desfazer-nos de nossa vocação e assumir outro estado de vida. Além disso, Paulo sabia como cada um é inclinado ao amor-próprio e ávido a satisfazer seus

²⁶ Ver LONGMAN, *Song of Songs*, p. 154.

²⁷ Ver LOPES, Augustus Nicodemus & Minka Schalkwijk, *A Bíblia e a sua Família*, São Paulo, Cultura Cristã, 2001, p. 160-164.

próprios desejos. Está é a razão por que um esposo, tendo satisfeito sua paixão, não só negligencia sua esposa, mas ainda a despreza... É por estas razões que Paulo trata tão ansiosamente da obrigação mútua do matrimônio. É como se dissesse: 'Se constantes pensamentos assaltam aqueles que são casados, desejando a vida solitária, visto ser mais santa, ou porque são excitados por desejos promíscuos, lembrem-se de que são mantidos abstinentes por uma obrigação mútua. O homem é só a metade de seu corpo, e o mesmo se dá com a mulher. Eles não têm, portanto, a liberdade de escolha, senão que, ao contrário, devem manter-se limitados por esses pensamentos, a saber: em razão de um necessitar do apoio do outro, o Senhor nos uniu para vivermos juntos, de modo a auxiliar-nos mutuamente. E, assim, que cada um auxilie o outro em suas necessidades; e que ajam como se um devesse de fato fazer o que o outro gostaria que se lhe fizesse.'²⁸

Paulo não ensina em formas de metáforas, ilustrações e poemas, mas em forma de conselhos. Ele é objetivo e direto.

MÚTUA ADMIRAÇÃO E ALEGRIA

O Homem

Dize-me, ó amado de minha alma, onde apascentas o teu rebanho, onde o fazes repousar pelo meio-dia, para que não ande eu vagando junto ao rebanho dos teus companheiros? Se tu não o sabes, ó mais formosa entre as mulheres, sai-te pelas pisadas dos rebanhos e apascenta os teus cabritos junto às tendas dos pastores. Às éguas dos carros de Faraó te comparo, ó querida minha. Formosas são as tuas faces entre os teus enfeites, o teu pescoço, com os colares. Enfeites de ouro te faremos, com incrustações de prata (1.7-11).

O questionamento da noiva introduz uma rota sensual. Ela o deseja a todo tempo. Há um ar místico em suas palavras. Ela quer saber a localização dele para que não fique caminhando por aí sem rumo. O sentido de “andar vagando” é entendido como “aparência de prostituta”. Há a possibilidade do texto ser traduzido, no lugar de “ande eu vagando” como traduziu a NVI: “Se eu não o souber, serei como uma mulher coberta com véu junto aos rebanhos dos seus amigos”. A sua inquietante pergunta feita ao noivo mostra que ela queria sua companhia.

Agora, o noivo é quem fala e em sua resposta ele não se mostra nada objetivo. Ele monta um jogo ou uma brincadeira de “esconde-esconde” com ela. Ele pode ser encontrado, mas ele não quer que seja de modo tão óbvio. Tudo indica que ele procura despertar, propositadamente, profundos desejos.

Mas logo em seguida ele deixa evidente a sua admiração. Aqui temos o uso da símile, quando ele compara sua amada às éguas. Sem sombra de dúvida esta não seria uma declaração de amor nada adequada para os nossos dias, mas para aquela época demonstrava afetividade, amor e uma afeição muito forte. Salomão adquiriu cavalos e éguas de Faraó ao assumir o trono (1Rs 10.28). A ilustração usada pelo noivo é a de uma égua enfeitada e linda, que desfila entre os garanhões, provocando excitação e louvor de todos.

A expressão “tuas faces entre os teus enfeites” mostra que todo o embelezamento da mulher não tinha valor por si só, mas no realce que davam à formosura natural da amada. São citados os enfeites, colares, enfeites de ouro e incrustações de prata. A citação dessas jóias mostra que não há nenhum problema moral, necessariamente, quando a mulher faz uso desses apetrechos. Realmente, a

²⁸ CALVINO, João, *1 Coríntios*, São Paulo, Paracletos, 1996, p. 200-201.

Bíblia não incentiva, pelo contrário, os profetas condenaram a vaidade (Is 3.16-22; Os 2.15) e Paulo observa que é negativo a mulher exibir seus dotes (1Tm 2.9,10). Mas no Cântico estamos em outro contexto. É um ambiente de sedução e conquista.

A Mulher

Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim. Vem, ó meu amado, saíamos ao campo, passemos as noites nas aldeias. Levantemo-nos cedo de manhã para ir às vinhas, vejamos se florescem as vides, se se abre a flor, se já brotam as romeiras; dar-te-ei ali o meu amor. As mandrágoras exalam o seu perfume, e às nossas portas há toda sorte de excelentes frutos, novos e velhos; eu tos reservei, ó meu amado (7.10-13).

A declaração de confiança feita pela mulher é uma convicção de perfeita harmonia que existia entre os noivos. Temos aqui, portanto, um convite. No v.11 o convite é para que os dois fossem à vinha, a lugares alienados da sociedade para que tivessem plena privacidade em locais rurais. Um local de agricultura é destacado como ambiente propício para uma grande intimidade. Um ambiente natural onde, segundo o v.12, as flores estavam desabrochando, ou seja, indicando crescimento e fertilidade.

Além disso, havia mandrágoras no local. A palavra para este fruto tem a mesma raiz de *amado*, *querido*.²⁹ Isso sugere o sentido conotativo de que o fruto era realmente afrodisíaco. O exemplo mais evidente disso está na disputa entre Raquel e Lia por Jacó. Raquel era estéril, mas compra mandrágoras de sua irmã em troca de Jacó por uma noite (Gn 30.14-16). No Cântico a referência da noiva certamente se apresenta num convite específico à união sexual que ela deseja. Todo o cenário apresenta a criatividade e o empenho dela em conquistar e excitar o homem.

EXCLUSIVIDADE

A Mulher

“O meu amado é alvo e rosado, o mais distinguido entre dez mil. A sua cabeça é como o ouro mais apurado, os seus cabelos, cachos de palmeira, são pretos como o corvo. Os seus olhos são como os das pombas junto às correntes das águas, lavados em leite, postos em engaste. As suas faces são como um canteiro de bálsamo, como colinas de ervas aromáticas; os seus lábios são lírios que gotejam mirra preciosa; as suas mãos, cilindros de ouro, embutidos de jacintos; o seu ventre, como alvo marfim, coberto de safiras. As suas pernas, colunas de mármore, assentadas em bases de ouro puro; o seu aspecto, como o Líbano, esbelto como os cedros. O seu falar é muitíssimo doce; sim, ele é totalmente desejável. Tal é o meu amado, tal, o meu esposo, ó filhas de Jerusalém (5.10-16).

O coro das mulheres no v.9 provocou a noiva, pois as mulheres consideravam o seu amado apenas uma figura ordinária. É como se elas tivessem dito: “O que há de especial neste a quem você ama dentre tantos outros homens que podem ser amados?”. Provocada, ela declara a *singularidade* dele. Ela não conseguia admirar ou desejar outro homem. Ele a satisfazia completamente.

Então ela parte para uma descrição física dele, como uma dedicação de louvor ao seu corpo (vs. 11-16): sua cabeça, cabelos, olhos, faces, lábios, mãos, ventre, pernas e o seu aspecto como um todo. A mulher avalia o homem dos pés à cabeça e o admira inteiro. Todo o seu corpo corresponde a aspectos valiosos e de grandeza. Ela conclui, dizendo: **“Tal é o meu amado, tal, o meu esposo, ó filhas**

²⁹ הַדּוּדָאִים (=haddudā'im, mandrágoras) que deriva de דוּד (=dōd, amado).

de Jerusalém” (5.16). Ela se dirige às filhas de Jerusalém porque elas haviam perguntado sobre o seu amado.

O Homem

Sessenta são as rainhas, oitenta, as concubinas, e as virgens, sem número. Mas uma só é a minha pomba, a minha imaculada, de sua mãe, a única, a predileta daquela que a deu à luz; viram-na as donzelas e lhe chamaram ditosa; viram-na as rainhas e as concubinas e a louvaram. (6.8,9).

As sessenta rainhas e oitenta concubinas descritas aqui apresentam um número bem menor das 700 esposas e 300 concubinas que Salomão teve em seu apogeu (1Rs 11.3). Ao informar que as virgens eram sem número já sugere esse crescimento que estava ocorrendo. Três categorias de mulheres são apresentadas aqui. As rainhas eram as esposas de primeira linha, elas tinham poder real. Depois, havia as concubinas, que eram esposas de segunda categoria. As virgens, ou moças jovens, eram aquelas que faziam parte do harém real, mas que ainda não tinham se tornado parceiras sexuais.

O noivo declara perante todas as mulheres que o cercavam, que sua atenção estava totalmente em quem ele chama de “pomba, imaculada, predileta e ditosa”. Ele já dissera semelhantemente em 5.2: **“Eu dormia, mas o meu coração velava; eis a voz do meu amado, que está batendo: Abre-me, minha irmã, querida minha, pomba minha, imaculada minha, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos, das gotas da noite”**.

Este verso traz um duplo significado. Enquanto a amada dormia ouviu a voz de seu amado pedindo para que *abrisse* a porta. Este significado literal é apenas a superfície do verso. O sentido por trás é um eufemismo sexual, ou seja, ele espera que ela lhe dê atenção, que ela esteja disposta à união sexual. A porta torna-se um símbolo para o acesso do homem ao corpo da mulher. A porta é, claramente, um eufemismo da genitália da mulher. A mensagem não é de promiscuidade, mas do acesso que o homem espera da sua amada.

Os adjetivos que ele dedica a ela mostram o conceito de plenitude que ele tinha a seu respeito, como se ela fosse perfeita em si mesma. Apesar da luxúria que Salomão viveu, este Cântico traduz uma forte defesa ao sétimo mandamento, em defesa da família e da monogamia.

A PLENA SATISFAÇÃO DO CASAL – PROVÉRBIOS

O livro de Provérbios incentiva fortes e contundentes ensinamentos sobre família. A seguir estão os parâmetros que formulam os conceitos ideais que devem ser vistos em todos os casais do povo de Deus. Numa vida de sabedoria, o homem se satisfaz com sua esposa e deve cultivar esse relacionamento com todo o empenho:

“Seba das águas da sua cisterna, das águas que brotam do seu próprio poço. Por que deixar que as suas fontes transbordem pelas ruas, e os seus ribeiros pelas praças? Que elas sejam exclusivamente suas, nunca repartidas com estranhos. Seja bendita a sua fonte! Alegre-se com a esposa da sua juventude. Gazela amorosa, corça graciosa, que os seios de sua esposa sempre o fartem de prazer, e sempre o embriaguem os carinhos dela. Por que, meu filho, ser desencaminhado pela mulher imoral? Por que abraçar o seio de uma leviana?” (Pr 5.15-20 NVI).

Essa vívida descrição apresenta a suficiência que um marido feliz encontra em sua esposa. Obviamente esses versículos fazem referência ao sexo, mostrando que toda satisfação, alegria e prazer o homem encontra em sua esposa, sem a intervenção de uma mulher estranha. “Cisterna” é uma palavra usada alegoricamente para denotar uma “possessão privada” contra a idéia de uma “propriedade pública”.

As “fontes transbordantes” fazem alusão à semente do homem difundindo sua geração. É uma referência à virilidade masculina, à ejaculação como um bem precioso que não pode ser profanado com mulheres alheias.³⁰ Dentro da poesia hebraica, a fertilidade sempre é destacada como grande dádiva de Deus: **“Tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa.”** (Sl 128.3).

Podemos colocar em paralelo com as palavras do noivo à noiva no Cântico: **“Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada... És fonte dos jardins, poço de águas vivas, torrentes que correm no Líbano.”** (Ct 4.12,15). Nas palavras de Longman: “Estas imagens descrevem sua inacessibilidade”.³¹ O jardim mais uma vez faz referência à genitália, como uma preciosidade exclusiva que o homem tem de sua mulher: “paradoxalmente, o jardim cumpre em si mesmo através de um auto-rendimento. O convite ao Amado para ‘entrar em seu jardim’ é, como alguns comentaristas têm dito, um retrato do ato sexual; é também um retorno ao ventre, quando ele está inteiramente dentro dela”.³²

O envolvimento entre marido e mulher é um todo harmonioso, onde não há brecha nem ruptura. Um envolvimento assim só é possível quando um cônjuge se satisfaz plenamente no outro. O Cântico descreve essa satisfação:

“Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delícias! Esse teu porte é semelhante à palmeira, e os teus seios, a seus cachos. Dizia eu: subirei à palmeira, pegarei em seus ramos. Sejam os teus seios como os cachos da vide e o aroma da tua respiração, como o das maçãs. Os teus beijos são como o bom vinho.” (Ct 7.6-9).

O fato dos dois estarem nus comprova a total liberdade e ausência de distúrbio ou confusão entre o casal. Havia perfeita paz no matrimônio antes da queda. Eles não se constrangem da nudez porque isso lhes era natural. Não havia motivo de vergonha porque não existia pecado ou corrupção.

5. O amor sobre todas as coisas

“Dê-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme, as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas. As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado (8.6,7).

³⁰ Ver LONGMAN, Tremper III, *How to Read Proverbs*, Downers Grove, Illinois, InterVarsity Press, 2002, p. 137. WALTKE, Bruce K., *The Book of Proverbs 1-15*, Grand Rapids, Eerdmans, 2004, p. 317-323.

³¹ LONGMAN, *Song of Songs*, p. 155.

³² LANDY, p. 520.

Este texto é considerado o central de todo o livro. O desejo da mulher é intensificado, chegando ao clímax de tudo o que havia sido tratado, com uma declaração sublime e uma definição profunda de um amor real. Ela clama a ser gravada no coração de seu amado como um selo. O selo é uma garantia inalienável e indestrutível.³³ A mulher espera do homem um amor indestrutível. Keil e Delitzsch comentam: “Ela deseja, especificamente, estar unida e ligada indissolavelmente ao afeto de amor e à plena comunhão de experiência de vida”.³⁴ Além disso, o selo tem função identificadora, o que caracteriza a possessão exclusiva que a mulher deseja que o seu amado tenha dela.³⁵

O segundo ensino, também glorioso, é que este amor poderia superar a própria morte: “porque o amor é forte como a morte”. Isso mostra o caráter inflexível do amor que, de tal modo domina sobre o casal que os torna firmes e resistentes feito aço temperado.

A terceira característica é o ciúme, que é duro como a sepultura. A primeira impressão que causa a palavra ciúme é negativa, mas o termo é usado aqui com o mesmo sentido usado pelo próprio Deus sobre o seu povo (Na 1.2; Zc 1.14-17), isto é, com o sentido de exclusividade inegociável. Deus se recusa a aceitar que seu povo se relacione com outros deuses, assim como o amor entre homem e mulher não admite a intromissão de estranhos.

A quarta expressão é que o amor são brasas de fogo e labaredas. O poeta já trouxe a morte e a sepultura como exemplos e, agora, excita a um sentido mais poderoso, o fogo. O amor de Deus ao homem é ardente, do mesmo modo entre o casal e isso se demonstra através do corpo. Qualquer chama se apaga com água, mas não as chamas do amor genuíno que um homem dedica à sua amada, conforme o v.7. O amor resiste a todas as provações e situações de risco.

Nas palavras de Walter Kaiser: “O amor era uma ‘chama de Javé’; não podia ser extinguido, trocado, ou tentado por outros bens tais como riquezas, posição ou honra”.³⁶ O dinheiro não pode comprar o amor, muito menos segurá-lo ou eternizá-lo, nem as possessões e conquistas desta vida. O amor não tem a sua fonte em nada que esse mundo produz, mas tão somente no Criador do matrimônio, que nos doou seu amor e nos habilitou a expressá-lo no casamento.

6. Considerações finais

Ao findar esta breve homilia, destaquemos alguns ensinamentos para a nossa vida:

- a) O sexo não é o âmago do casamento, ainda que seja um de seus fundamentos;

³³ A mesma palavra (חֶטֶם - *hōtām*) serviu para mostrar a gravura dos nomes dos filhos de Israel em sinetes, para comprovar o eterno amor de Deus (Êx 28.21); para gravar a eternidade da santidade do nome de Yahweh (Êx 39.30); e para consolidar a instrumentalidade de Tiro como juíza (Ez 28.12).

³⁴ Keil, C.F. & Delitzsch, F., *Commentary on the Old Testament, Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*, *The Master Christian Library*, vol. 7, Ages Software, [CD-ROM], 1999, p. 1342.

³⁵ LONGMAN, *Song of Songs*, p. 211.

³⁶ KAISER, Walter, *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 2000, 2ª ed., p. 185.

- b) A atração corporal que ambos devem ter um do outro não provém da estética secular ou dos padrões impostos pela sociedade, mas é impulsionado pelo amor. O amor reserva potencialidades suficientes para garantir um casamento até a morte e dar consistência e excitação ao casal para toda a vida;
- c) O cônjuge não deve desviar sua atenção às atrações alheias. A atenção da mulher está em seu marido e a do marido deve estar em sua mulher. Os dois têm que sentir plena satisfação um no outro;
- d) O casal tem que ter como consciência que nenhum dos dois pertence a si mesmo, mas encontrarão real alegria e felicidade na mútua doação de seus corpos e almas.
- e) O sexo jamais deverá ser instrumento de chantagem. Ele não é moeda para alcançar objetivos pessoais, mas um auto-rendimento de amor ao cônjuge;
- f) O casal entende melhor o sentido de sua própria vida na mútua satisfação sexual;³⁷
- g) A vida sexual e o relacionamento conjugal como um todo será prejudicado e fadado ao fracasso se Deus não for o alvo único de glorificação do casal. Como o Originador do lar, a Deus devemos devolver em gratidão e louvor todos os benefícios que ele nos doou. Quando um casal crente se ama na união sexual, satisfazendo um ao outro, os dois estão cultuando a Deus.

Conclusão

A graça de Deus é o alicerce para toda a vida humana. Essa graça multiforme que nos presenteia todos os dias com benefícios para nos manter vivos, também nos cerca de cuidados e gentilezas. A mais poderosa de todas elas foi o casamento. Deus poderia ter nos criado assexuados e independentes, mas ele transmitiu-nos um dos seus mais belos atributos que já era suficiente na eternidade, na relação da Santíssima Trindade, a capacidade de nos relacionar e de nos amar.

Ao homem e à mulher ele concedeu o casamento, a aliança, que é um compromisso fundamentado no amor fincado em nosso coração e sustentado através de todos os elementos também por ele providenciados. Um deles – e talvez o que dê mais prazer – é a união sexual. O livro Cântico dos Cânticos nos domestica e molda a nossa consciência para um caminho de pureza e santidade neste, que podemos chamar, o Relacionamento dos Relacionamentos, ou a Intimidade das Intimidades.

Que Deus abençoe a todas as famílias de nossas igrejas e a todos os casais, para que sejam todos um universo suficiente em seu relacionamento íntimo e, assim, todos glorifiquemos a Deus através de nossos corpos e mentes.

³⁷ “Por conseguinte, a partir do Cântico, nós aprendemos sobre a intensidade emocionante, intimidade, e exclusividade de nosso relacionamento com o Deus do universo” (LONGMAN, *Song of Songs*, p. 70.).